

# HISTÓRIA

Coordenador: Cel AYRTON SALGUEIRO DE FREITAS

## A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA MILITAR

Major J. R. DE MIRANDA CARVALHO

“O valor prático da História é a projeção do “filme” do passado com auxílio do material de projeção do presente sôbre a tela do futuro” — Liddell Hart.

A Real Academia Militar, na época do Príncipe D. João e do Conde de Linhares na Pasta da Guerra, já incluía no seu currículo a História Militar. De lá para cá tivemos tempo bastante para adquirir muita experiência, pois século e meio se escoou desde aqueles dias; porém, em que pêsse o nosso considerável avanço em vários setores, lamentavelmente temos de reconhecer o quão pouco progredimos neste aspecto básico para as nossas Fôrças Armadas: a compreensão da importância da História Militar e a conseqüente utilização de seus valiosos ensinamentos.

É desalentadora a freqüência com que se encontra a ignorância total do valor da História Militar para a formulação da doutrina militar, a organização das Fôrças Armadas, o preparo para a guerra e a conduta das operações. Muitos ainda continuam a julgá-la um assunto para mera “erudição” — uma fonte de conhecimentos úteis apenas aos que se deleitam em acumular na memória um cabedal destinado a ilustrar sua palestra nas rodas sociais ou a dar um toque invejável a uma eventual entrevista jornalística.

Não são poucos os que continuam a pensar que o estudo da História consiste em decorar os nomes dos generais célebres, os complicados topônimos estrangeiros que quase sempre balizam os seus itinerários, o modo pelo qual se processou esta ou aquela batalha e... só!

Para outros, a utilidade da História Militar está na série de magníficas soluções que pode fornecer para intrincados problemas: um receituário de fórmulas mágicas capazes de tirar os chefes de apertos. Em caso de dificuldade, basta rebuscar na memória uma situação semelhante ocorrida no passado com um grande Capitão e aplicar a sua solução... Sucesso garantido!

Quem assim está escrevendo, poderia ser imaginado um pretensor conhecedor profundo d'êste campo, por isso, antes de prosseguir, achamos de bom aviso dizer ao nosso caro leitor que bem longe estamos de nos julgarmos entre os que conhecem suficientemente a História Militar e entre os que estão capacitados para dela extrair as preciosas lições, susceptíveis de contribuir convenientemente para a urgente conceituação da nossa doutrina militar. Fique bem claro sermos apenas alguém que, havendo se interessado pelo assunto, mal conseguia vislumbrar uma pálida perspectiva da imensidade de sua ignorância neste particular.

Desde que nos falece credencial bastante na seara em causa, não nos pareceu lícito apresentar uma argumentação própria neste pequeno artigo, destinado a alertar os responsáveis pelo destino de nossas Forças Armadas para os males que nos poderão advir se voltarmos as costas à questão tão importante, qual seja a utilização dos ensinamentos da História na estruturação dessas Forças. Assim, fomos compelidos a buscar palavras de autoridade universalmente reconhecida sobre a Arte da Guerra. Julgamos serem essas palavras uma base sólida na qual podemos assentar êste apêlo, cujo atendimento é altamente recomendável, se realmente desejarmos situar as nossas Forças Armadas no papel que realmente a elas está destinado no âmbito da Nação.

Faremos um pequeno "inquérito" a respeito do verdadeiro valor da História Militar, sobre a sua utilidade, procurando ouvir as mais credenciadas vozes.

Decidimos que Frederico, o Rei Soldado, poderia ser a nossa primeira testemunha inquerida. Eis o que dizia: "Não obstante ser o estudo da História própria para os príncipes, êle não é menos útil aos blebeus. O homem das leis, o político, o guerreiro, que têm recorrido a ela, aprenderam a conexão que o presente tem com o passado; êles adquiriram uma experiência prematura".

Pensamos, a seguir, na impossibilidade de deixar de consignar aqui uma opinião de Napoleão, e encontramos esta: "Os Comandantes em Chefe são guiados pela experiência e pelo gênio. As táticas, as manobras, a ciência do engenheiro e do artilheiro, podem ser aprendidas nos compêndios. O conhecimento da estratégia só é obtido através do estudo das campanhas dos grandes generais. Gustavo Adolfo, Turenne e Frederico, bem como Alexandre, Anibal e Júlio César seguiram êstes passos".

Jomini, um dos maiores teóricos da Arte da Guerra, acrescentou a essa máxima do Grande Corso: "De tôdas as teorias da Arte da Guerra a única razoável é a que se fundamenta no estudo da História Militar".

A profundidade das concepções de Clausewitz sobre a filosofia da guerra, suas leis e seus princípios, impede deixarmos de considerar aqui o seu pensamento: "Os exemplos históricos esclarecem tudo e constituem prova convincente nas ciências experimentais. Isto é apli-

cável, melhor que em outro qualquer assunto, na Arte da Guerra”, Mesmo depois de tão autorizada definição, seria imperdoável subtrair ao leitor este saboroso conselho de Bismarck: “Os tolos dizem que aprendem com sua própria experiência. Prefiro aprender à custa da experiência dos outros...”.

Estaria de acordo com isso Von Moltke? Parece que sim: “Os melhores ensinamentos para o futuro se encontram nas lições do passado”.

O tempo desses homens já se distancia tanto de nós... não seria de admirar se esses conceitos estivessem arcaicos, invalidados pela obsolescência.

Sondemos, pois, entre os chefes de época mais recente; vejamos o que opinaram os líderes da 1ª Guerra Mundial, a começar por Von Schlieffen, autor do famoso plano da ofensiva alemã de 1914: “Para quem aspira tornar-se um grande comandante, há um livro aberto, chamado História Militar, que se inicia com a luta entre Caim e Abel e que não termina com as campanhas napoleônicas”.

As magníficas vitórias dos alemães sobre os exércitos russos, consagradas pelos nomes de Tannenberg e dos lagos Masurianos fêz-nos procurar a palavra de Hindenburg: “Não há mestre melhor para a condução dos exércitos que a História das Guerras”.

Diziam ser o grande Foch possuidor de uma “mente geométrica”; todos conhecem o quanto a França lhe deveu no Marne e, o valor incalculável dos seus estudos sobre a guerra. É desse excepcional mestre esta orientação: “Estudemos os fatos que a História nos oferece, para compreendermos os complexos fenômenos da guerra”.

A lembrança de já haverem decorrido 42 anos desde o final das lutas em que Foch, Hindenburg e Von Schlieffen, tornaram-se célebres, faz pensar que também os argumentos que estes grandes soldados nos emprestam poderiam ser julgados por demais antiquados, sem valor para os tempos em que vivemos, a era por excelência do progresso técnico-científico, a era dos foguetes e das armas nucleares. O caminho melhor seria invocar testemunhas de acontecimentos mais recentes, de generais e pensadores militares cuja autoridade sobressaiu na 2ª Guerra Mundial.

MacArthur, um dos artífices da vitoriosa campanha dos americanos no teatro de operações do Pacífico, forneceu-nos estas significativas idéias: “A profissão militar, mais do que qualquer outra, depende necessariamente da interpretação inteligente do passado, como preparação para o futuro. Impossibilitado, no tempo de paz, de exercer praticamente sua profissão, o soldado vê-se compelido a explorar ao máximo os ensinamentos da História, com o objetivo de manter-se preparado e em condições de, numa emergência, desobrigar-se com acerto de seus deveres. Os ensinamentos colhidos mediante a análise dos fatos históricos são aplicados às condições do presente e do futuro próximo, visando a obter a síntese perfeita dos métodos, das organizações e da doutrina”.

George S. Patton Jr. jamais será esquecido: tôdas as vêzes em que se cogitar dos mais audazes generais da História seu nome terá um destaque especial. Por isso, achamos interessante dizer aqui que Patton antes de partir para combater na Europa, expendeu considerável espaço de tempo, estudando no terreno da Geórgia e das Carolinas as operações de Sherman na Guerra de Secessão, particularmente as suas espetaculares incursões objetivando as retaguardas do adversário. Além disso, transcrevemos um pensamento do Comandante do magnífico III Exército dos Estados Unidos: "Para ter êxito, o militar deve conhecer a História, lendo-a objetivamente: as datas e as minúcias táticas são inúteis. Quem assim o fizer chegará à conclusão de que a guerra é simples".

Após êsse ligeiro relance na opinião de dois dos mais credenciados chefes norte-americanos na 2ª Guerra Mundial, considerando o acatamento que tradicionalmente tem envolvido as idéias dos líderes militares alemães, decidimos trazer aqui alguns pensamentos externados pelos chefes mais categorizados da Wehrmacht no último conflito e alguns episódios por êles narrados que traduzem bem como a História Militar era ou é vista entre êles.

Procurando entre os arquitetos da Blitzkrieg, ocorreu-nos inicialmente a pessoa de Heins Guderian, general considerado o "pai das panzers alemãs". Guderian, após a guerra, escreveu um livro, onde registrou suas experiências, que foi publicado em inglês sob o título de "Panzer Leader". É um trabalho muito difundido no mundo inteiro.

Eis alguns trechos selecionados entre suas páginas:

"... O quanto permitiu a História Militar, concentrei-me na Campanha de 1806 de Napoleão, uma campanha que na Alemanha até então não recebera a devida atenção, certamente por causa da derrota sofrida pelos alemães; no que concerne ao comando das tropas na guerra de movimento, ela é, no entanto, uma campanha muito instrutiva. Também lidei com a história das cavalarias alemã e francesa no outono de 1914. O estudo das táticas da cavalaria em 1914 provou ser muito útil para o desenvolvimento de minhas teorias que começavam a encarar a utilização tática e operacional do movimento."

Guderian assim fala, quando se reporta ao período de gestação da Blitzkrieg, após declarar textualmente pouco antes:

"Foram principalmente os livros e os artigos dos ingleses Fuller, Liddell Hart e Martel que excitaram meu interesse e deram alimento aos meus pensamentos. Êsses soldados de larga visão estavam então procurando fazer do carro de combate algo mais que uma arma de apoio à Infantaria. Compreenderam sua relação com a crescente motorização da nossa época e assim se tornaram os pioneiros de uma nova forma da guerra total.

Apreendi com êles a concentração dos blindados, tal como empregada na Batalha de Cambrai. Além disso, foi Liddell Hart quem deu ênfase ao emprêgo das forças blindadas em penetrações profundas,

operando contra as retaguardas do inimigo e que também propôs um tipo de Divisão Blindada combinando os elementos blindados com unidades de Infantaria Blindada. Profundamente impressionado por essas idéias, tratei de desenvolvê-las num sentido prático para o nosso exército. Assim, devo muitas sugestões de nossos futuros desenvolvimentos ao Capitão Liddell Hart."

Antes de prosseguir ouvindo alguns outros generais alemães, achamos que esta citação tão enfática que Guderian faz de Liddell Hart justifica uma curiosidade especial sobre o que este último pensa:

"Uma vez que Guderian se diz meu "discípulo" no campo dos blindados, pode ser de interesse histórico mencionar que o conceito das penetrações estratégicas profundas pelas forças blindadas se desenvolveu no meu espírito partindo dos estudos dos movimentos das colunas autônomas levados a cabo pelas forças inteiramente móveis de Gengis-Kan, nas Campanhas Mongóis do Século XIII, enquanto sua aplicação contra os exércitos modernos maciços, dependentes das ferrovias para seu suprimento, nasceu da análise das "marchas" de Sherman e dos raids de Forrest na Guerra de Secessão Americana..."

O depoimento de Liddell Hart mostra claramente a vastidão do campo de pesquisa oferecido pela História e o que nêle se pode extrair de útil para a criação de novas técnicas operacionais. Aos que ainda disso têm dúvida, lembramos que o emprêgo das teorias consubstanciadas na Blitzkrieg resultou na derrota da França — que possuía bem mais de 100 Divisões em arma e um número de carros de combate superior aos dos alemães — em pouco mais de 10 dias após o início da ofensiva.

Mas, continuemos a ouvir alguns outros depoimentos.

Günther Blumentritt durante a última guerra foi Chefe do Estado-Maior do IV Exército alemão, que foi lançado na direção de Moscou em janeiro de 1942. Deixou essa função para ser o Chefe da Seção de Operações do Estado-Maior do Exército alemão, e terminou a guerra como comandante do I Exército Pára-quedista. Nos seus escritos de pós-guerra, sentimos ser êle um dos mais esclarecidos generais alemães e colhemos um testemunho valioso para o nosso inquérito:

As vésperas da invasão da Rússia em 1941: "... A tarefa (planejamento da invasão) demandava trabalho preciso e detalhado. Todos os livros e cartas sobre a Rússia desapareceram das bibliotecas. Lembrou-me que a mesa de trabalho de Von Kluge, no seu Quartel-General em Varsóvia, estava sempre repleta de tais publicações. A Campanha de Napoleão em 1812, foi objeto de muito estudo. O Marechal Von Kluge leu os trabalhos do General Caulaincourt sobre essa campanha com a maior atenção: êles revelavam as dificuldades do combate e mesmo da vida na Rússia. Os locais onde o "Grande Armée" havia travado suas batalhas e escaramuças, foram assinalados nas nossas cartas..."

Mais tarde, quando narra o drama do fracasso alemão ante Moscou: "... E, então, os fantasmas do "Grande Armée" e a lembrança do desastre de Napoleão começaram a povoar insistentemente os nossos sonhos. As memórias do General Caulaincourt podiam sempre ser vistas sôbre a mesa do Marechal Von Kluge: era sua Bíblia".

Não estranhamos, pois, quando encontramos a seguinte idéia de Blumentritt sôbre a História Militar: "Para se compreender a evolução normal da Doutrina Militar e prever o seu desenvolvimento futuro, é essencial um conhecimento generalizado da História Militar".

Não haveria dificuldade em colhêr a opinião de vários outros chefes da Wehrmacht a respeito da História, mas se continuássemos ouvindo-os talvez nos alongássemos demais e não poderíamos expor aqui as idéias dos que hoje estão em campo oposto ao das democracias, dando assim maior universalidade ao nosso inquérito.

Raymond L. Garthoff escreveu um livro denominação "How Russia Makes War", de grande interêsse para todos os militares e que foi traduzido pela Biblioteca do Exército sob o nome de "Doutrina Militar Soviética". Nessa obra se encontram vários trechos que serviriam ao nosso inquérito, mas a exigüidade de espaço e o precioso tempo que estamos tomando ao nosso leitor só nos permitiu transcrever êstes:

Citando o "Pravda" (1937): "Jamais consideramos indigno aprender a arte militar com os nossos inimigos. Nas nossas escolas militares estudamos Clausewitz, Moltke, Schlieffen e Ludendorff. Temos trabalhado com obstinação e aplicação e em vários aspectos pensamos haver superado nossos mestres".

Reportando-se ao "Bolchevik", de março de 1944, que escrevia: "É necessário saber tirar as lições de cada batalha para chegar às conclusões práticas... A experiência das guerras passadas, quando fazemos sua completa análise, constitui o elemento mais importante para a formação de nossos generais, oficiais e soldados".

"Como no Ocidente, os periódicos militares contribuem para o progresso da doutrina. Na União Soviética tudo, naturalmente, é oficial, mas, no domínio da tática, encontramos por vêzes idéias novas e divergentes. Em tais circunstâncias, os diretores das revistas advertem que o artigo é apresentado como "assunto a discutir". Entre essas revistas, a mais importante é a "Voïennaia Mysl", editada pela Seção de História do Estado-Maior Geral..."

"O Serviço Histórico do Estado-Maior Geral tem um papel muito importante, tanto quanto seu homólogo ocidental, na formação da doutrina. Sua influência, que se exerce por intermédio de pareceres oficiais, do periódico "Voïennaia Mysl" e de livros publicados, constitui possivelmente o fator que mais contribui para o desenvolvimento da doutrina operacional."

\* \* \*

Em nosso rápido "inquérito" procuramos auscultar vozes autorizadas de todos os tempos e das mais variadas nacionalidades. O

desejo de não fatigar o nosso paciente leitor, faz-nos encerrar aqui as citações escolhidas entre as inúmeras encontradas. Mas, antes de encerrarmos este artigo, destinado à meditação dos responsáveis pelas nossas Fôrças Armadas, queremos ainda, mais uma vez, ouvir a palavra de Liddell Hart:

“Há uma tendência moderna e por demais comum de considerar a História como assunto especializado. Pelo contrário, ela é o corretivo para a especialização. Vista corretamente é o mais amplo dos estudos, abarcando todos os aspectos da vida. Fundamenta a educação mostrando como a humanidade repete os seus erros e que erros foram esses. É a experiência universal infinitamente maior, mais ampla e mais variada do que a experiência de qualquer individuo. Quantas vezes ouvimos pessoas alardearem o conhecimento do mundo e da vida porque têm 60 ou 70 anos de idade e a maior parte delas podem ser consideradas “jovens de 60 ou 70 anos”. Não tem valor bastante a pessoa letrada que possui uma mente com menos de 3.000 anos.”

“É freqüente a convicção do “soldado prático” de que o vulto da experiência no campo (de batalha) vale mais que o estudo aprofundado, como credencial para a chefia na guerra. O corolário lógico disso seria que o homem que participou de mais combates deveria ser a maior autoridade em tática.

Podemos, em conexão, lembrar a história do Marechal de Saxe e de um idoso general que urgia a adoção de sua opinião por haver êle presenciado mais operações na região que outro qualquer. Replicou-lhe o marechal que possuía uma mula que atravessara 20 campanhas e que continuava a ser uma mula.

A experiência de qualquer individuo, por mais vasta que seja, é restrita a certas fases e locais e pode, no máximo, compreender uma percentagem infinitesimal dos fatos e condições da guerra. Longe está de poder ser comparada com a experiência universal contida pela História Militar.”

\* \* \*

Findamos aqui este apêlo lembrando que o fato de ignorarmos o valor prático da História Militar ou de desconhecermos como dela poderemos extrair os ensinamentos indispensáveis à justa formulação da nossa Doutrina Militar, à organização das nossas Fôrças Armadas e ao preparo dos possíveis condutores das operações dessas Fôrças, não nos exime, de modo algum, da responsabilidade das conseqüências graves que poderiam advir se abandonássemos elemento tão valioso à consecução desses trabalhos vitais para a Nação.

## PERSISTÊNCIA DA ESTRATÉGIA POLÍTICA DA URSS

MICHEL GAELES

Com relação à zona capitalista, a URSS busca uma política de "coexistência pacífica". M. Khrouchtchev fez uma longa explanação, durante o XXI Congresso do P.C.U.S., em fevereiro de 1959, explicando que a União Soviética estava convencida de que a competição econômica pacífica viria a permitir aos povos do mundo ver qual o regime mais conveniente.

Essa política de "coexistência pacífica", não resta dúvida, é, atualmente, sincera, porém, como toda política soviética, nada tem de absoluto. Ela repousa na realidade do perigo que uma nova guerra traria para a humanidade. Se a URSS tivesse a certeza de ser militarmente capaz de suprimir a "ameaça capitalista", sem que isso lhe custasse muito, por que haveria de manter, por mais uma jornada, sua política de coexistência pacífica?

Aliás, a política de coexistência pacífica é uma política geral que não exclui o emprêgo e meios militares, em certos casos particulares. Se, em um dado momento, um partido comunista, na iminência de conquistar o poder, ou um movimento nacionalista, perto de obter a independência de seu país, solicitar o apoio soviético, por que recusá-lo? É suficiente agir com bastante discrição para não suscitar as reações que poriam em discussão os princípios fundamentais da coexistência pacífica.

A política de coexistência pacífica é, portanto, mais um aspecto entre muitos outros da política soviética, sempre ao serviço da instauração "revolucionária" do "socialismo" no mundo.

A passagem do capitalismo para o socialismo, portanto, só se pode fazer, segundo os soviéticos, pelo processo revolucionário. Desde que o XX Congresso do Partido Comunista soviético assim decidiu, em março de 1956, o processo revolucionário pôde então conhecer duas formas: a forma insurreccional tradicional (revolução na rua, deposição pela força das instituições estabelecidas) e a forma parlamentar, incorporada ao marxismo-leninismo por M. Khrouchtchev. Os soviéticos julgam possível que, em certos casos, os comunistas possam ter êxito em conquistar (se necessário com a ajuda de outros partidos) a maioria parlamentar e depois se apossar dos órgãos do Estado.

Entretanto, e eis a causa principal de suas divergências com os iugoslavos, os comunistas continuam sempre repelindo qualquer tese evolucionista do capitalismo. M. Khrouchtchev não se deixou, absolutamente, seduzir por sua viagem aos Estados Unidos e os discursos que tem pronunciado, na União Soviética, confirmam que suas concepções nesse domínio não foram modificadas.

A política adotada, em relação aos Estados capitalistas visa, portanto, ao desenvolvimento das relações econômicas, culturais e políticas. A União Soviética quer assim conseguir os produtos que lhe são úteis e criar o clima de paz e de colaboração favorável a seus desígnios. Ainda aqui a URSS não abandona, por completo, o seu desejo de ver o fim dos Estados capitalistas. Ela pensa, simplesmente, que a coexistência pacífica é o melhor meio de garantir esse fim. Primeiro, é preciso esperar pelo enfraquecimento dos Estados capitalistas por meio da ação dos movimentos nacionalistas dos países coloniais.